

## Editorial

*Não será difícil, mesmo ao leitor menos atento, aperceber-se do carácter comemorativo do presente número duplo de "O Arqueólogo Português". Doutra forma dificilmente se poderia compreender quer a natureza dos artigos aqui reunidos, quer a superior qualificação, e pública notoriedade, dos autores que nos deram o privilégio de nele colaborar.*

*Os mais informados todavia, sempre haveriam de aguardar este número da revista (formalmente referente a 1993 e 1994, embora publicado com o considerável atraso de quatro anos relativamente às datas indicadas) com a expectativa própria que quem está atento ao calendário e retém na memória as datas que nos cumpre recordar. Faz em 1993 cem anos que o combate, e sonho, de José Leite de Vasconcelos pôde concretizar-se, pelo punho esclarecido de Bernardino Machado. Em 20 de Dezembro de 1893 fundava-se o então "Museu Etnográfico Português", sucessivamente chamado "Museu Etnológico Português", "Museu Etnológico do Doutor Leite de Vasconcelos", "Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia" e "Museu Nacional de Arqueologia do Doutor Leite de Vasconcelos", designação que hoje conserva.*

*É certo que nem sempre os nomes correspondem à realidade daquilo que identificam. Mas não serão igualmente gratuitos. E, no caso vertente, qualquer das sucessivas designações desta casa, agora centenária, reflecte outros tantos programas museológicos por que foi passando. Existe algo que a todas une, como hoje emblematicamente sugere a explícita referência ao nome do fundador. Mas existe também mudança. Nunca o presente se fez congelando o passado. O tempo levou a que se tivesse evoluído de uma espécie de "museu do Homem Português", assente numa*

*concepção humanística integral, juntando saberes os mais diversos, tão cara ao fundador, para um verdadeiro museu de arqueologia. Ainda agora – e neste mesmo volume – existe quem lamente um tal desenlace. Mas ele foi porventura inevitável, é hoje irreversível e corresponde, aliás, à própria história e afirmação científica, social e profissional autónomas das disciplinas envolvidas na concepção inicial do Museu.*

*Não é este talvez o lugar mais apropriado para reflexão aprofundada acerca do passado, presente e futuro de uma instituição que sente e pesa devidamente todos as designações que gostosamente transporte no nome. Mas importa que as explicitemos brevemente. Somos um Museu, antes de tudo – o que significa que nos comprometemos socialmente com as funções básicas de “curadores”, “justificadores” e “divulgadores” de memórias. Somos um Museu Nacional – o que nos responsabiliza perante o País na apresentação de discursos que preencham os nossos imaginários colectivos e, no âmbito de uma organização dos museus portugueses em rede, nos confere responsabilidades especiais de apoio a experiências regionais e locais. Somos um Museu Nacional de Arqueologia – o que nos impõe o recurso a metodologias e saberes definidos epistemologicamente pelos contornos que deram origem à própria disciplina. Somos finalmente o Museu Nacional de Arqueologia do Doutor Leite de Vasconcelos – o que remete todos os que aqui trabalham para o cultivo da memória, senão mesmo dos valores, de todos os que nos antecederam, sentindo justificado orgulho por dar continuidade a uma casa onde já habitaram Leite de Vasconcelos, Félix Alves Pereira, Vergílio Correia, Manuel Joaquim de Campos, Luis Chaves, Jorge Colaço, Guilherme Gameiro, Francisco Valença, Stuart Carvalhais, João Saavedra Machado, Manuel Heleno, Jaime Pereira Roldão, Dario de Sousa, Fernando de Almeida, Viegas Guerreiro, João Bairrão Oleiro, Caetano de Mello Beirão, Francisco Alves, Rui Parreira, entre tantos outros.*

*O perfil de competência e o leque disciplinarmente muito alargado dos autores que corresponderam ao nosso convite e preenchem quer este volume de “O Arqueólogo Português”, quer o próximo (comemorativo do centenário da própria revista), constituem bem o penhor do apreço que merece a actividade de*

*todos os que, em cem anos de história, mantiveram vivo o sonho de Leite de Vasconcelos.*

*Ora, nenhum organismo vivo constitui obra acabada. Dir-se-ia até muito pelo contrário, no exemplo vertente. Se o engenho e arte nos permitisse, poderíamos repetir hoje, em finais do século XX, muitas das sábias advertências do fundador quanto à defesa da perenidade desta instituição (num tempo também ele marcado por grandes exposições mundiais), à sua necessária fundamentação científica, ao seu papel educativo ou até à sua mera função lúdica, porque afinal “o gôzo é o terminus de todos os actos da vida, mais ou menos disfarçado sob aspecto material ou espiritual”. Mas repetil-as-íamos com o optimismo de pensar que o Museu Nacional de Arqueologia do Doutor Leite de Vasconcelos se encontra apto para enfrentar o desafio do novo milénio: cuida dos seus acervos e começou mesmo a enriquecê-los, após anos de estagnação; adquire equipamentos e bibliografia, contando neste caso com o sempre disponível patrocínio de pessoas de boa vontade, que proximamente se organizarão em Grupo de Amigos; promove exposições diversificadas e de boa aceitação pública; edita catálogos e retoma a regularidade da sua revista; exerce o seu papel de instituição-  
-vértice do sistema museológico português na área da arqueologia; participa em projectos europeus... Apenas lhe falta cumprir um capital detalhe: ver concretizar-se um projecto muito profundo de remodelação das actuais instalações, de tal sorte que seja possível duplicar o espaço expositivo, recriando uma tão reclamada galeria de exposição permanente. Detalhe, apenas. Porque, com a força que nos anima e o apoio solidário que sentimos ser dispensado a esta casa, dificilmente tal desiderato deixará de ser concretizado.*

Luís Raposo\*

\* Director

